

DA PERIFERIA ÀS PERIFERIAS? PELA CRIAÇÃO DE UM NOVO QUADRO ANALÍTICO DOS ESPAÇOS PERIFÉRICOS

Eugênia Dória Viana Cerqueira²

DOI: 10.5752/P.2316-1752.2020v27n41p180

Resumo

Nas últimas décadas, observa-se uma evolução das periferias urbanas, pautada por um processo de complexificação e diversificação socioespacial. Assim, o presente artigo visa discutir o desenvolvimento de um novo quadro analítico na literatura urbana, que ultrapasse a tradicional abordagem binária, focada no antagonismo entre as áreas centrais e as periferias. Realiza-se uma revisão bibliográfica crítica, amparada por exemplos ilustrativos coletados durante trabalho de campo realizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Palavras-chave: Periferias. Subúrbios. Expansão urbana. Pós-subúrbia. Belo Horizonte

1. Este artigo toma por base a tese de Doutorado de Eugênia Dória Viana Cerqueira, defendida em 2018 na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais.

2. Doutora em Planejamento Urbano e Geografia pela Université Panthéon-Sorbonne/Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Planejamento Urbano pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é Professora Substituta da Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutoranda em Geografia pela PUC-Minas. E-mail: eugeniadoria@gmail.com

*FROM THE PERIPHERY TO PERIPHERIES? FOR THE
CREATION OF A NEW THEORETICAL FRAMEWORK FOR
STUDYING SUBURBAN AREAS IN BRAZIL*

Abstract

In recent decades, there has been an evolution of peripheral areas, guided by a process of socio-spatial complexification and diversification. Thus, this paper advocates for the development of a renewed theoretical framework in urban literature, beyond the traditional twofold approach that focuses on the antagonism between central and peripheral areas. A critical bibliographic review is carried out, supported by illustrative examples collected during fieldwork carried out in the Metropolitan Region of Belo Horizonte.

Keywords: Suburban areas. Peripheries. Urban sprawl. Post-suburbia. Belo Horizonte

*¿DE LA PERIFERIA A LAS PERIFERIAS? POR LA CREA-
CIÓN DE UN NUEVO MARCO ANALÍTICO DE LOS ESPA-
CIOS PERIFÉRICOS EN BRASIL*

Resumen

En las últimas décadas se ha producido una evolución de las periferias urbanas, guiada por un proceso de complejación y diversificación socioespacial. Así, este artículo tiene como objetivo discutir el desarrollo de un nuevo marco analítico en la literatura urbana, que va más allá del enfoque binario tradicional, centrado en el antagonismo entre las áreas centrales y las periferias. Se realiza una revisión bibliográfica crítica, sustentada en ejemplos ilustrativos recopilados durante el trabajo de campo realizado en la Región Metropolitana de Belo Horizonte..

Palabras-claves: Periferias. Subúrbio. Expansión urbana. Possuburbia. Belo Horizonte

Introdução

182

No contexto de áreas metropolitanas cada vez mais extensas, constata-se uma inflexão nos modelos tradicionais de urbanização. A produção dos espaços periféricos, através de diversas modalidades de governança, vem transformando as metrópoles de maneiras inesperadas. A literatura recente sobre a pós-subúrbia (PHELPS E WU, 2011) aponta que, em uma escala global, os modelos clássicos das periferias urbanas vêm se reconfigurando, dando lugar para estruturas policêntricas e multifuncionais, pautadas pela reestruturação das lógicas de mobilidade e pela crescente diversificação do mercado imobiliário. Essas novas dinâmicas periféricas alicerçam-se em uma implosão da oposição dialética entre centro e periferia, suscitando o questionamento do estereótipo das periferias como territórios homogêneos e precários, adjacentes aos centros urbanos (LE GOIX, 2016). Sob essa ótica, o processo de suburbanização generalizada (KEIL, 2013) merece ser interpretado como uma dinâmica global, presente também em países cujo fenômeno de periferização aconteceu de forma tardia.

Nas grandes metrópoles brasileiras, as periferias das aglomerações foram historicamente analisadas através de uma perspectiva dualista, que opõe, diametralmente, centro e periferia. Por muitas décadas, as periferias, frequentemente desprovidas de infraestrutura e serviços

básicos, foram consideradas, de maneira redutora, como apêndices dos centros urbanos. De modo geral, a literatura urbana foca na precariedade dos espaços periféricos em relação aos centros das aglomerações, corroborando a visão binária em questão. Nas últimas duas décadas, mudanças na estrutura territorial apontam na direção de formas de urbanização cada vez mais dispersas e diversificadas, em consonância com as tendências vigentes no contexto internacional (REIS FILHO, 2006). A expansão periférica vem se tornando cada vez mais complexa em termos de uso do solo e das atividades que abrigam, associando diferentes tipologias residenciais a shopping centers, centros de lazer, equipamentos de educação, etc. O poder de atração das áreas centrais, em termos de deslocamentos cotidianos, compete com a emergência de centralidades secundárias nas periferias das aglomerações (MENDONÇA *et al.*, 2004).

183

Vale notar que o padrão centro-periferia, que consistiu no modelo dominante de urbanização das cidades latino-americanas desde a década de 1970, permanece apresentando capacidade explicativa no que se refere aos padrões contemporâneos de urbanização. De maneira geral, o desenvolvimento urbano permanece pautado pela concentração excessiva de serviços e infraestrutura nos centros urbanos e por uma consequente dependência das áreas centrais em termos de acesso às oportunidades. Ademais, apesar dos avanços observados nas últimas

décadas, as políticas habitacionais permanecem calçadas em uma ótica polarizadora, através da relocação de populações vulneráveis em áreas periféricas distantes e desprovidas de infraestrutura. No entanto, as transformações socioespaciais emergentes observadas nas periferias urbanas permitem desvelar uma série de limitações do modelo dialético centro-periferia, que não prevê ou explica a complexidade de tais dinâmicas recentes, como a dispersão do mercado imobiliário formal, a diversificação das atividades comerciais e serviço, e a reconfiguração das escalas de segregação socioespacial (VIANA CERQUEIRA, 2015).

Ainda que as referidas transformações das periferias urbanas tenham sido evocadas em investigações recentes, poucos estudos questionam a abordagem analítica obsoleta das periferias na literatura (LIMONAD; COSTA, 2015). Se a noção de periferia se refere a territórios que ocupam uma posição periférica em relação aos centros (DEPRAZ, 2017), tal visão, dualista e redutora, não representa mais as periferias brasileiras, que se orquestram em torno de realidades muito mais complexas que a simples função de apêndice do centro da cidade. A pluralidade de transformações observadas nas franjas urbanas, assim como a recente integração das periferias pelo mercado imobiliário formal (MENDONÇA *et al.*, 2004), levanta diversas questões relativas a uma reformulação paradigmática no enfoque tradicional dos espaços periféricos na literatura urbana brasileira. Segundo Berger e Chaléard (2017), a

construção de um quadro analítico das periferias urbanas deve preconizar uma implosão das tradicionais contraposições entre o Norte e o Sul Global, considerando que as metrópoles do Sul reproduzem atualmente diversos elementos do processo pós-suburbano observado nos países desenvolvidos.

O presente artigo tem como objetivo discutir as evoluções recentes observadas nas periferias urbanas brasileiras, através de uma revisão bibliográfica problematizada. Sugere-se a elaboração de um novo quadro analítico e conceitual, que redefina o entendimento das periferias, não mais como lócus de oposição dialética ao centro, mas como espaços de diversificação, de reprodução social e de complexidade. Primeiramente, foca-se na análise histórica do processo de urbanização das metrópoles brasileiras e formação das periferias, ressaltando o espectro redutor de análise dos espaços periféricos, em um primeiro momento. Em seguida, ressaltam-se as evoluções recentes observadas nas periferias urbanas brasileiras, traçando uma análise crítica dos principais conceitos e definições utilizados na literatura urbana. A argumentação é amparada por exemplos ilustrativos coletados durante trabalho de campo realizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

185

A urbanização brasileira : Uma expansão fragmentada

A década de 1970: uma urbanização rápida, intensa

e desordenada

Ao longo dos últimos dois séculos vários países apresentaram uma tendência maciça de transferência da população do campo para as cidades. No caso brasileiro, semelhante outros países em desenvolvimento, a urbanização vem ocorrendo em um ritmo acelerado desde a segunda metade do século XX, muito superior àquele observado nos países desenvolvidos. Somente na segunda metade do século XX, a população urbana passou de 19 milhões para 138 milhões, multiplicando-se 7,3 vezes (BRITO; SOUZA, 2005). O início do processo de urbanização no Brasil articula-se a uma série de mudanças socioeconômicas estruturais a partir da década de 1930, mas, somente em 1970, a população urbana torna-se superior à rural. Entre as décadas de 1960 e 1980, as regiões metropolitanas brasileiras apresentaram uma verdadeira explosão nas taxas de crescimento demográfico, decorrente do intenso fluxo migratório rural-urbano

Nos anos 1970 e 1980, as periferias urbanas foram palco de um crescimento demográfico espetacular, caracterizado pela precariedade em infraestrutura e serviços e pela perpetuação das condições de pobreza urbana. Assim, a urbanização no Brasil foi calcada, historicamente, em um modelo desigual de urbanização, caracterizado pelo antagonismo entre o centro e os espaços periféricos (SABATINI, 2003): os espaços centrais concentravam as populações de alta renda, assim como os principais serviços e atividades, enquanto as periferias associaram-se à

expansão da ocupação informal e à escassez de infraestrutura, serviços e atividades (Figura 1). A concentração de atividades nas áreas centrais suscita, até o momento, a realização de longos deslocamentos pendulares para o acesso de equipamentos cotidianos, como trabalho, saúde, lazer, etc.



Figura 1 | Periferia popular em Ribeirão das Neves, caracterizada pela predominância de habitações informais.

Fonte: Elaborada por autora, 2017.

O intenso processo de concentração supracitado perdurou até meados da década de 1970, quando o fim do chamado milagre econômico e o início da crise alimentaram o desenvolvimento dos movimentos sociais e das discussões sobre o caráter desigual e excludente da urbaniza-

ção brasileira.

As novas dinâmicas de diversificação socioespacial

A partir da década de 1980, verificou-se uma importante transferência dos fluxos migratórios dos grandes centros urbanos para cidades de médio porte, processo que pode ser explicado, em parte, pelo aumento das atividades terciárias nas metrópoles e pela dispersão da atividade industrial para as preditas cidades. Por outro lado, observa-se uma redistribuição do crescimento populacional nas metrópoles brasileiras, caracterizada pela redução das taxas de crescimento demográfico no centro e pela absorção de um maior contingente de população nas periferias urbanas. Trata-se, igualmente, do período no qual se anunciava a desindustrialização e a reestruturação da tradicional indústria fordista, que abandonava suas tradicionais localizações, nos cinturões industriais metropolitanos, em favor de novas localizações, em cidades médias. As lógicas de êxodo rural, que impulsionaram o crescimento das periferias metropolitanas nas décadas anteriores, são gradualmente substituídas por dinâmicas migratórias intrametropolitanas. A forte pressão fundiária nos centros traduz-se na expulsão das classes de baixa renda às periferias urbanas e em um consequente aumento da migração intrametropolitana.

Assim, a partir dos anos 1990, as metrópoles brasileiras tornaram-se palcos de uma pluralidade de transformações, diretamente associadas aos processos de metropolização e globalização. O modelo dialético de urbanização

centro-periferia, que dominou, historicamente, a urbanização nos países do Sul Global, dá lugar a configurações socioespaciais cada vez mais complexas e fragmentadas. Os espaços periféricos inscrevem-se em um contexto crescente de diversificação social, com a difusão de grupos de classe média e alta nas margens urbanas, suscitada pela dispersão territorial do mercado imobiliário formal. A tendência descrita associa-se, por um lado, à busca de um estilo de vida suburbano, atrelado a um forte discurso de securitização e exclusividade (CALDEIRA, 2000 ; MELGAÇO, 2010). Por outro lado, trata-se de uma expansão das categorias de produtos imobiliários existentes nas periferias urbanas, que permitem o acesso à casa própria para uma parte da população para as quais os custos imobiliários das áreas centrais são demasiadamente elevados (MENDONÇA, 2002 ; COSTA; MENDONÇA, 2010).

189

No contexto de países em desenvolvimento, a disseminação de investigações elucidando as transformações das periferias urbanas tem sido observada, principalmente, a partir da última década (ROITMAN; PHELPS, 2011; LIMONAD; COSTA, 2015 ; BERGER; CHALÉARD, 2017). Os referidos estudos assinalam a emergência e consolidação de novas configurações periféricas nas metrópoles latino-americanas, como a proliferação de condomínios fechados, a difusão espacial de serviços e atividades, o surgimento de centralidades periféricas.

Além disso, observa-se uma descentralização significativa dos empregos e serviços nas metrópoles, contribuindo com a criação de novas polaridades periféricas. Por

um lado, as margens urbanas tornam-se territórios atrativos para a instalação de atividades comerciais e serviços, devido ao menor custo fundiário. Por outro lado, a difusão de grupos de classe alta e média nesses espaços atrai uma gama de equipamentos e serviços, que contribuem com uma reconfiguração das margens das cidades (Figura 2). A dinâmica descrita delinea a emergência de novas centralidades secundárias, que permitem a reestruturação das lógicas de mobilidade e acesso aos serviços, em uma escala de proximidade que mitiga a dependência do centro urbano (VIANA CERQUEIRA, 2018).



Figura 2 | Alphaville Lagoa dos Ingleses (Nova Lima) .

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Para Telles et Cabanes (2006) o espaço urbano brasileiro não se estrutura mais em torno do contínuo centro-pe-

riferia, mas sim de sistemas de maior complexidade. O estudo pioneiro de Caldeira (2000) destacou, no início dos anos 2000, as novas configurações socioespaciais encontradas nas periferias de São Paulo, detalhando o papel dos condomínios fechados nas referidas transformações. Da mesma forma, Mendonça et al. (2004) ilustram na Região Metropolitana Belo Horizonte o processo de "periferização da riqueza", que se articula às novas lógicas de produção do espaço periférico (Figura 2). Embora o fenômeno da diversificação social observado nas periferias urbanas brasileiras, atualmente, possa contribuir com a mitigação da segregação metropolitana em larga escala, alguns autores apontam para a natureza perversa dessas lógicas, que induzem uma reestruturação da escala de segregação das franjas metropolitanas (SABATINI, 2003; VIANA CERQUEIRA, 2015). Os novos produtos imobiliários e equipamentos de consumo implementados nas franjas metropolitanas nos últimos anos suscitam a fragmentação socioespacial, transformando a escala de interações entre as camadas de alta e baixa renda (TORRES; MARQUES, 2001).



Figura 3 | Equipamentos comerciais em Nova Lima
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

192



Figura 3 | Equipamentos comerciais em Nova Lima
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Vale ressaltar que, apesar da miríade de transformações recentemente observada nos espaços periféricos das metrópoles brasileiras, ainda existem dinâmicas que corroboram o modelo tradicional de ocupação desses territórios. O padrão de ocupação centro-periferia permanece como tônica dominante no que tange à concentração de atividades nas áreas centrais e as desigualdades decorrentes do modelo descrito. Por exemplo, Pereira (2018) aponta que, malgrado as intervenções recentes realizadas no Rio de Janeiro no intuito de melhorar as condições de mobilidade e de acesso aos serviços, as populações vulneráveis residentes em áreas periféricas ainda apresentam os menores índices de acessibilidade na metrópole. No entanto, as novas perspectivas pontuais descritas acima colocam em xeque a prevalência do modelo centro-periferia como explicativo das dinâmicas contemporâneas observadas nas metrópoles brasileiras.

Assim, trata-se de um processo simultâneo de diversificação (disseminação de novos produtos imobiliários, espraiamento das camadas de média e alta renda, difusão de equipamentos e serviços) e ratificação de lógicas tradicionais já existentes (presença de camadas de baixa renda, informalidade, escassez de infraestrutura e equipamentos). As configurações descritas desenham lógicas cada vez mais complexas de distribuição populacional e de equipamentos e serviços.

As transformações recentes: da periferia às periferias?

A prevalência da "periferia" como categoria de análise na literatura urbana brasileira

Sabe-se que, em um contexto global, existe um problema de representação das periferias urbanas, não existindo um consenso, mesmo entre especialistas, sobre os conceitos referentes a esses espaços (HARRIS; VORMS, 2017). Na literatura urbana brasileira, o termo periferia continua sendo o mais comumente utilizado para se referir às margens das aglomerações urbanas, não havendo um conceito teórico e operacional para abordar os referidos espaços. Os primeiros estudos sobre as periferias de São Paulo surgiram nas décadas de 1970 e 1980, em decorrência das altas taxas de crescimento demográfico e expansão urbana (OLIVEIRA, 1972 ; MARICATO, 1982) . As margens das cidades eram descritas como espaços homogêneos, precários e desprovidos de infraestrutura, favorecendo uma abordagem dualista baseada no modelo centro-periferia e na corrente de pensamento sociológico predominante na América Latina, na época. Nesse sentido, a leitura das periferias destacava a escassez de recursos e investimento nos espaços em questão: leis, serviços, infraestrutura, investimentos do poder público, planejamento, etc.

Atualmente, algumas investigações questionam o uso indiscriminado deste termo, ressaltando suas limitações no

cenário urbano contemporâneo (PEREIRA e FIRKOWSKI, 2010). Primeiramente, assinala-se que a palavra "periferia" possui uma forte conotação política e socioeconômica, que incentiva uma visão negativa desses espaços. Por outro lado, o referido conceito articula-se diretamente ao modelo dialético centro-periferia, que, atualmente, parece demasiadamente redutor para explicar as novas configurações metropolitanas observadas nas periferias das metrópoles. Para Rosa, (2011) trata-se de uma crise conceitual, uma vez que as teorias e categorias atuais de análise não abrangem as novas realidades das metrópoles brasileiras. Nesse contexto, observou-se a emergência, nas últimas duas décadas, de variações da noção de periferia, na tentativa de descrever as novas estruturas socioespaciais em questão.

195

No início dos anos 2000, Torres e Marques (2001) apontam o conceito de "hiperperiferia" para designar as periferias distantes das metrópoles brasileiras, caracterizadas, segundo os autores, por um aumento da exclusão socioespacial. Da mesma maneira, Torres (2005) utiliza o conceito de "periferias consolidadas" em referência às periferias metropolitanas da cidade de São Paulo, que apresentam uma maior diversidade de serviços e infraestrutura. Por outro lado, o conceito oposto de "periferia não consolidada" representa os espaços periféricos caracterizados pela precariedade e pela escassez de infraestrutura urbana. A abordagem proposta, no entanto, continua a

favorecer uma visão dualista das periferias urbanas..

Em um estudo focado na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Costa *et al.* (2006) apontam a noção de "periferia metropolitana", ratificando a integração metropolitana dos espaços periféricos. Postula-se a construção de um objeto metropolitano coeso, constituído pela interlocução entre centro e espaços periféricos, e não somente pela relação de imposição do primeiro e dependência dos segundos. Da mesma maneira, face à pluralidade de quadros conceituais embasados na noção de periferia, Ritter e Firkowski (2009) sugerem que o termo periferia deve ser sempre utilizado no plural ("periferias"), devido à heterogeneidade dos processos socioespaciais observados atualmente nesses espaços.

196

A construção de um quadro analítico das periferias: dialogando com conceitos do Norte global?

Se o processo de periferização nas cidades latino-americanas difere, historicamente, das cidades do Norte Global, constata-se, atualmente, uma série de semelhanças no que diz respeito ao processo de metropolização e à complexificação dos espaços periféricos. No contexto de crescente globalização das dinâmicas urbanas, a incorporação e diálogo com conceitos estrangeiros parece ser cada vez mais recorrente na literatura latino-americana na tentativa de capturar e descrever as referidas transforma-

ções das periferias, associadas às lógicas pós-modernas de produção espacial.

As noções de “periurbano” ou “periurbanização” ganharam peso no vocabulário da pesquisa urbana brasileira. O conceito foi cunhado por pesquisadores franceses no final dos anos 1960, no intuito de descrever o processo de expansão urbana das cidades francesas, que abrangeu, predominantemente, as classes médias e foi caracterizado pela prevalência de modelos de habitação unifamiliares. No entanto, na literatura urbana brasileira o emprego do termo periurbano trata-se, muitas vezes, de uma simples transposição de noções, que não comporta uma reflexão crítica adequada sobre o termo. O conceito de periurbano é, prioritariamente, utilizado no campo da geografia agrícola ou rural, possuindo um diálogo restrito com a questão urbana (ROSA, 2011). Além disso, poucos pesquisadores brasileiros tecem definições claras do termo periurbano de modo a incorporá-lo às dinâmicas específicas das cidades brasileiras. Vale (2005) define os espaços periurbanos como “zonas de transição entre a cidade e o interior, onde as atividades rurais e urbanas se misturam [...] são espaços que até possuem paisagens rurais, fazem parte das lógicas urbanas”.

Da mesma forma, a incorporação do conceito americano de “suburbanização” é pouco definida na literatura brasileira. A referida noção é utilizada, simultaneamente, para

referir-se à periferização de camadas populares, mas também a fim de descrever o processo de dispersão espacial das classes de alta renda para os espaços periféricos. Limonad (1999) associa o processo de suburbanização das metrópoles latino-americanas com “sub-urbanização”, em alusão ao modelo de ocupação precária que dominou por muitos anos a urbanização das margens. Vale (2005) postula que a expansão das cidades latino-americanas é calcada em um processo de “suburbanização inversa”, pautada por lógicas contrárias às dos países em desenvolvimento, nos quais o processo de expansão urbana articulou-se, primeiramente, às camadas de média e alta renda.

198

Embora todos os conceitos assinalados tenham sido usados para descrever a primeira fase de expansão urbana, ressalta-se a necessidade atual de desenvolver novos conceitos capazes de descrever a realidade plural das periferias. Nas últimas décadas, uma miríade de termos e conceitos proliferaram na literatura internacional, no intuito de descrever as novas estruturas socioespaciais metropolitanas como *edge city* (GARREAU, 1991), “*edgeless city*” (LANG, 2003), “*post-suburbia*” (PHELPS e Wu, 2011) . A criação de um novo vocabulário urbano visa caracterizar uma nova fase de urbanização que ultrapassa as lógicas associadas aos processos clássicos de periferização, em uma escala global.

Nos anos 1990, Garreau (1991) propõe o termo “*edge city*” para designar as novas estruturas multifuncionais

emergentes nas periferias urbanas, que abarcam complexos residenciais, comerciais, prédios de escritório e serviços ,etc. No contexto brasileiro, observa-se a emergência de estruturas policêntricas em diversas metrópoles, como São Paulo (CALDEIRA, 2000), Curitiba e Belo Horizonte (Costa e Mendonça, 2010). Em Belo Horizonte, o condomínio Alphaville, homônimo do famoso loteamento residencial em São Paulo, inspira-se nas edges cities americanas, contemplando a criação de uma estrutura autônoma em relação ao centro (Figura 4). O loteamento, projetado para ser uma cidade local, propõe a implementação de serviços e atividades locais (Costa *et al.*, 2004).



Figura 4 | Centro comercial do condomínio Alphaville Lagoa dos Ingleses
Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

No entanto, no que diz respeito à transferência de modelos conceituais de produção e apropriação do espaço, o surgimento de novas lógicas de expansão urbana nas cidades latino-americanas não pode ser automaticamente associado à reprodução dos padrões de periferização observados nos países desenvolvidos. No caso da América Latina, a intensa exclusão socioespacial e natureza fragmentada que pautou a historicamente expansão das cidades (questões presentes desde o período de colonização) ainda as distinguem proeminentemente das cidades do Norte Global. Moura (2010) postula que o modelo de ocupação residencial em condomínios fechados, que se estabeleceu nas periferias urbanas das principais cidades brasileiras nos últimos anos, não se encaixa exatamente na definição de *edge city*, uma vez que não se tratam de espaços autossuficientes. Embora os referidos condomínios integrem cada vez mais atividades de serviço e lazer em seu interior, observa-se ainda o estabelecimento de uma relação de dependência com áreas adjacentes, particularmente no que diz respeito à força de trabalho dos moradores de baixa renda. Com efeito, trata-se de um processo em cadeia, no qual a instalação de loteamentos securitizados catalisa a implementação de empregos e atividades nos arredores e que, por sua vez, se tornam fatores de atratividade para as classes trabalhadoras. No contexto latino-americano, Roitman e Phelps (2011) denominam o processo descrito de "suburbanização dualizada", devido à articulação espacial, sob a forma de fragmentação social, das classes de alta e baixa renda.

A emergência de elementos da pós-subúrbia nas periferias brasileiras

Segundo Keil (2018) a suburbanização é, atualmente, um fenômeno global que deve ser analisado através de paradigmas que ultrapassem os tradicionais paradigmas conceituais que têm ladeado o processo de expansão urbana na literatura acadêmica. Nesse sentido, há uma série de processos que necessitam de uma investigação renovada, tanto no campo dos estudos empíricos, quanto em debates conceituais. Phelps e Wu (2011) defendem a ideia da emergência de uma nova fase de expansão urbana, denominada “pós-subúrbia”, na qual a expansão das periferias urbanas seria caracterizada pela diversificação socioespacial, aliada à estruturação de novas centralidades secundárias e à implantação gradual de comércios e serviços nas áreas periféricas. A pós-suburbanização incluiria processos de construção e reconstrução das cidades nas margens metropolitanas: o processo suburbanização clássica é parcialmente convertido, invertido ou subvertido em um novo processo que envolve o adensamento das áreas periféricas, a complexificação e a diversificação do processo de suburbanização (KEIL, 2018). Trata-se, assim, de uma definição, englobando, simultaneamente, diversos aspectos do sub/urbano.

Nesse sentido, os autores ressaltam o potencial do conceito como categoria analítica dos processos globais de transformação das periferias urbanas, sem se limitar à literatura anglo-saxã. Argumenta-se que existem paradig-

mas de disparidade temporal que permitem o surgimento de modalidades de urbanização, como o pós-subúrbia, em diferentes contextos espaciais e temporais. Sob essa perspectiva, embora o processo em questão não seja automaticamente transponível de cidades do Norte para o Sul Global, elementos da pós-subúrbia podem ser observados em metrópoles dos países em desenvolvimento.

While the American or Anglo-Saxon model (single family homes often in master planned subdivisions) has retained its attraction for aspirational middle classes across the world, the global S+013; McGee, 2015; Roy, 2015; Wu and Shen, 2015). This means that despite the tendency for sameness, suburbanization – due to its multiple historical trajectories (e.g. Fishman, 1987; Harris, 1996, 2004; Knox, 2017) – comes in all manner of shapes, forms and institutions, organized and disorganized, formal and informal, gated and squatted, and ranges from single-family homes to high rise towers, including massive infrastructures, employment and commercial zones, conservation areas and greenbelts (Keil, 2013, 2017). (Keil, 2018, p. 497).

Um estudo realizado por Roitman e Phelps (2011) em Buenos Aires revela alguns elementos comuns às cidades latino-americanas que podem ser considerados como pós-suburbanos. Os autores apontam que, nos últimos anos, a implantação de condomínios fechados nas franjas metropolitanas da metrópole suscitou o desenvolvimento de atividades, como shopping centers, hotéis, cinemas, etc. Além disso, estudos recentes sobre expansão urbana na América Latina (SALCEDO ; TORRES, 2004) assinalam que a proliferação de condomínios fechados resulta de vários processos simultâneos de periferização e pós-suburbanização.



Figura 5 | Vale do Sereno (Nova Lima).

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Entretanto, na literatura urbana brasileira o quadro analítico da pós-subúrbia, assim como outras abordagens reconhecedoras da pluralidade de processos que orquestram as periferias urbanas, tem sido negligenciado até então. O conceito de pós-subúrbia dialoga diretamente com a noção mais ampla de urbanização extensiva, cunhada por Monte-Mor no intuito de designar “o processo de extensão das condições gerais de produção urbano-industrial para além das cidades, atingindo espaços próximos e longínquos, onde as relações socioespaciais urbano-industriais se impõem como dominantes, independentemente da densidade urbanística variada” (MONTE-MOR, 2005, p. 435). Segundo Costa e Mendonça (2010), a perspectiva da urbanização extensiva possibilita a compreensão deste processo numa escala espa-

cial mais abrangente, assinalando a emergência de novas centralidades e de perspectivas de politização do espaço e da práxis social a partir da periferia.

Por fim, a tabela abaixo apresenta uma síntese da discussão delineada acima. Longe de ser exaustiva, a análise aqui tecida apresenta, entretanto, pistas para a construção de um quadro analítico, ultrapassando os arranjos conceituais tradicionais referentes aos espaços periféricos e possibilitando uma maior compreensão da pluralidade de processos que moldam esses espaços atualmente.

	Conceito derivados de periferia	Conceitos internacionais	Outros conceitos
Anterior a 1990	-Periferia	-Periurbano (França) -Subúrbio (Estados Unidos)	
1990-2010	-Hiperperiferia - Torres e Marques (2001) -Periferia consolidada (Torres, 2005) -Periferias metropolitanas (Costa et al., 2006)	-Edge city (Garreau, 1991) -Edgless city (Lang, 2003)	-Sub-urbanização (Limonad, 1999) -Periurbano (Vale, 2005) -Suburbanização inversa (Vale, 2005)
Após 2010		Pós-suburbia- Phelps e Wu (2011)	

Tabela 1 | Principais conceitos de referência aos espaços periféricos utilizados na literatura urbana

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conclusão

Em um contexto crescente de globalização e metropolização, observa-se uma crescente diversificação socioespacial das periferias urbanas, que se tornam espaços cada vez mais complexos. Entretanto, até a última década, a maioria dos trabalhos científicos têm se apoiado em um modelo antagônico entre as áreas centrais da cidade e as periferias urbanas, não acompanhando as inúmeras transformações em ação nas franjas periféricas atualmente. A referida abordagem possui uma série de limitações, visto que as categorias conceituais e analíticas utilizadas remontam às dinâmicas observadas na década de 1970, no ápice do processo de expansão urbana das grandes cidades brasileiras. A revisão bibliográfica realizada no presente artigo permite aferir que o conceito de "periferia", que permanece o mais utilizado para analisar as margens urbanas na literatura, é imbuído de uma abordagem pejorativa dos espaços em questão, apontados como simples apêndices dos centros urbanos. Nesse sentido, demonstra-se que, nas últimas décadas, alguns autores sugerem a utilização de conceitos derivados da noção de periferia, no intuito de representar a diversidade de arranjos observados nos espaços em questão. A discussão conceitual abrange, igualmente, a utilização de conceitos utilizados em outros contextos nacionais, particularmente noções cunhadas depois dos anos 2000, a fim de descrever a nova fase de periferização em diversos países. Por fim, o enfoque do debate gravita em torno da noção de "pós-subúrbia", cunhada por Phelps e Wu (2011), no intuito

de descrever a segunda fase de expansão das periferias urbanas, caracterizada pela diversificação socioespacial, aliada à estruturação de novas centralidades secundárias e à implantação gradual de comércios e serviços nas áreas periféricas.

É importante ressaltar que o modelo centro-periferia ainda se impõe como padrão estruturante de expansão urbana nas cidades latino-americanas, configurando uma importante assimetria entre os espaços centrais e as periferias urbanas. No entanto, parece imperativo ultrapassar a abordagem binária que orienta a literatura com enfoque nas periferias urbanas, assinalando o caráter heterogêneo e plural dos referidos espaços. À medida em que a suburbanização se torna um dos grandes processos de urbanização contemporânea, critérios como densidade, morfologia, composição social, anteriormente utilizados para designar os espaços periféricos, devem ser reavaliados. A noção de suburbanização como dependente de um centro deve assim ser mitigada, à medida que a periferização assume uma miríade de formas múltiplas de centralizações e descentralizações (KEIL, 2018).

Referências

BRITO, F.; SOUZA, J. DE. Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 4, p. 48–63, dez. 2005.

CAILLY, L. Existe-t-il un mode d'habiter spécifiquement périurbain ? **Espace Temps**, 2008.

CALDEIRA, T. P. DO R. **City of walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo**. Berkeley, Etats-Unis d'Amérique: [s.n.].

COSTA, H. S.; COSTA, G. M.; MENDONÇA, J. G.; MONTE-MOR, R. L. DE M. **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

COSTA, H. S.; MENDONÇA, J. G. **Urbanização recente e disputa pelo espaço na dinâmica imobiliária metropolitana em Belo Horizonte**. XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Anais... In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Caxambu: 2010. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/2366/2319>>. Acesso em: 30 ago. 2017

COSTA, H. S.; REZENDE, L. N. **Expansão metropolitana, habitação e a construção de sonhos de consumo: notas a partir do Alphaville**. [s.l.] Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. Disponível em: <<http://core.ac.uk/download/pdf/6520153.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

DODIER, R. **Modes d'habiter périurbains et intégration sociale et urbaine**. Disponível em: <<https://www.espacetemps.net/articles/modes-dhabiter-periurbains-et-integration/>>.

Acesso em: 20 ago. 2017.

HARRIS, R.; VORMS, C. (EDS.). **What's in a Name?: Talking about Urban Peripheries**. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

KEIL, R. Extended urbanization, “disjunct fragments” and global suburbanisms. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 36, n. 3, p. 494–511, jun. 2018.

LIMONAD, E. Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização. **GEOgraphia**, v. 1, n. 1, p. 71–91, 1999.

LIMONAD, E.; COSTA, H. S. M. Cidades excêntricas ou novas periferias? **Revista Cidades**, v. 12, n. 21, p. 278–304, 2015.

MARICATO, E. **A Produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo, Brésil: Editora Alfa-Omega, 1982.

MELGAÇO, L. **Securização Urbana - Da psicosfera do medo à tecnosfera da segurança**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2010.

MENDONÇA, J. **Segregação e mobilidade residencial na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Thèse de Doctorat—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

MENDONÇA, J. G.; PERPÉTUO, I. H. O.; VARGAS, M. C. **A Periferização Da Riqueza Na Metrópole Belo-Horizontina: Falsa Hipótese?** . In: ANAIS DO XI SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA. Diamantina: 2004. . Acesso em: 24 ago. 2017

MONTE-MOR, R. L. DE M. A questão urbana e o planejamento urbano-regional no Brasil contemporâneo. In: DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (Eds.). **Economia e Território**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 429–446.

MOURA, C. P. DE. Condomínios e Gated Communities: por uma antropologia das novas composições urbanas. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 209–233, 1 dez. 2010.

PEREIRA, R. H. M. **Distributive Justice and Transportation Equity: Inequality in accessibility in Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado—Oxford: University of Oxford, 2018.

PHELPS, N. A.; WU, F. (EDS.). **International perspectives on suburbanization: a post-suburban world ?** Houndmills, Basingstoke, Hampshire, Royaume-Uni de Grande-Bretagne et d'Irlande du Nord, Etats-Unis d'Amérique: [s.n.].

RITTER, C.; FIRKOWSKI, O. L. C. DE F. Novo conceitual para as periferias urbanas. **REVISTA GEOGRAFA**, 2009.

ROITMAN, S.; PHELPS, N. Do Gates Negate the City? Gated Communities' Contribution to the Urbanisation of

Suburbia in Pilar, Argentina. *Urban Studies*, v. 48, n. 16, p. 3487–3509, 2011.

ROSA, P. P. V. Políticas públicas em agricultura urbana e periurbana no Brasil. *Revista Geográfica de América Central*, v. 2, n. 47E, 2011.

SABATANI, F. *The Social Spatial Segregation in the Cities of Latin America*. [s.l.] Inter-American Development Bank, 2003.

SALCEDO, R.; TORRES, A. Gated communities in Santiago: wall or frontier? *International Journal of urban and regional research*, v. 28, n. 1, p. 27–44, 2004.

TELLES, V. DA S.; CABANES, R. *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. [s.l.] Editora Humanitas, 2006.

TORRES, H.; MARQUES, E. Reflexões sobre a hiperperiferia: novas e velhas faces da pobreza no entorno metropolitano. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, n. 4, p. 49–70, 2001.

VALE, A. R. *Expansão Urbana e plurifuncionalidade do espaço periurbano do município de Araraquara-SP*. Thèse de Doctorat—Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2005.

VIANA CERQUEIRA, E. *As novas lógicas de fortificação*

residencial nas periferias metropolitanas de Belo Horizonte: quais impactos sobre a segregação social? **URBE Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 7, n. 2, p. 195–210, 2015.

VIANA CERQUEIRA, E. Les inégalités d'accès aux ressources urbaines dans les franges périphériques de Belo Horizonte (Brésil) : quelles évolutions ? **EchoGéo**, n. 39, 22 fev. 2017.

VIANA CERQUEIRA, E. Les inégalités d'accès aux ressources urbaines dans les franges périurbaines de Lille et Belo Horizonte (Brésil). Thèse de Doctorat—Paris: Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, 2018.